

RADIORREPORTAGEM: DO INCÊNDIO NO EDIFÍCIO JOELMA À CONVERGÊNCIA DAS MÍDIAS ENTREVISTA COM MILTON PARRON

Nadini Lopes de Almeida

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário das Faculdades Integradas Alcântara Machado (2008), com ênfase na pesquisa sobre Radiojornalismo

Resumo

A cobertura jornalística por meio do rádio tem sofrido diversas transformações desde seu surgimento e conceitos amplamente difundidos por Bertold Brecht. Imersos em uma era tecnológica nos deparamos com uma situação em que as mídias convergem e fazem com que as diversas plataformas comunicacionais se misturem. Para o Jornalista Milton Parron essas diferenças são facilmente percebidas pela análise de sua cobertura do incêndio do Edifício Joelma até as radioreportagens mais recentes. Em entrevista o jornalista da Rádio Usp e Coordenador do Centro de Documentação e Memória (CEDOM) da Rádio Bandeirantes fala sobre estas transformações e conta sua experiência na cobertura de uma das mais marcantes reportagens.

Palavras-chave: radioreportagem; mídia; convergência; “Edifício Joelma”; radiojornalismo

Resumen

La cobertura de los medios a través de la radio ha sufrido varias transformaciones desde su creación y conceptos ampliamente difundidos por Bertold Brecht. Inmerso en una era tecnológica nos enfrentamos a una situación en la que los medios de comunicación y hacer converger las diferentes plataformas de comunicación se mezclan. Para el periodista Milton Parron estas diferencias son fácilmente percibidos por el análisis de la cobertura del fuego hasta que el edificio más reciente Joelma radioreportagens. En una entrevista concedida al periodista de Radio USP y coordinador del Centro de Documentación y Memoria (CEDOM) Radio Bandeirantes habla de estas transformaciones y su experiencia en la cobertura de una de las historias más notables.

Palabras clave: Palvras: radio reportaje; la convergencia de medios; “Edifício Joelma” radio periodismo

Abstract

The media coverage through radio has undergone several transformations since its inception and concepts widely disseminated by Bertold Brecht. Immersed in a technological age we are faced with a situation where the media converge and make the various communication platforms mingle. For the Journalist Milton Parron these differences are easily perceived by the analysis of their coverage of the fire on the Joelma building (Incêndio do Edifício Joelma) until the latest radio reports In an interview the journalist of Radio Usp and Coordinator of the Center for Documentation and Memory (CEDOM) of Rádio Bandeirantes talks about these transformations and his experience in covering one of the most remarkable stories.

Keywords: “radio report”; media; convergence; Joelma building; radio journalism

“Vinte e uma dessas mortes foram por mim relatadas, e acredito que, até hoje, não se registrou semelhante desafio. Uma multidão, contida por cordas de isolamento, se dava as mãos, orava em voz alta; outros soluçavam, enquanto muitos gritavam histericamente e até desmaiavam. A mim não era dado o direito de manifestar qualquer reação emocional, até por que tinha sido doutrinado para manter a frieza e a racionalidade em situações como aquela. Não era uma missão fácil, razão pela qual, como conta-gotas, vozes da redação, alternando-se, continuavam me alertando para o nosso manual de conduta: ‘Calma! Não exagere!’” (Parron, 2002/2003: 39).

Muitas transformações acontecem diariamente no campo da comunicação. Certamente estas mudanças influenciam o fazer jornalístico e a prática da radioreportagem, sua produção e diversificam a relação da notícia com o ouvinte.

Gentil, sério e emocionado com suas diversas lembranças sobre a cobertura do Incêndio no Edifício Joelma, Milton Parron, compartilha suas experiências como jornalista sem deixar de lado a dificuldade em se manter a imparcialidade em um momento em que o lado humano grita aos nossos ouvidos.

Como jornalista enxerga a internet como aliada de um dos veículos mais antigos, o rádio, e alerta para o excesso dos contatos telefônicos criticando a falta de proximidade entre a fonte e os repórteres, essencial para guiar a imersão dos ouvintes aos fatos narrados.

A Radioreportagem permite a amplitude da notícia e a sensorialidade é um dos recursos, amplamente descrito pela pesquisadora Gisela Ortriwano e que reforça a importância da construção imaginativa no momento em que o ouvinte escuta a narração.

“O rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um ‘diálogo mental’ com o emissor. Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um.” (Ortriwano, 1985: 80)

Com a ascensão de novas tecnologias, os questionamentos quanto ao rumo do radiojornalismo e da radioreportagem crescem. E a ideia de convergência das mídias ganha espaço. Parron enxerga estas transformações de maneira muito positiva e explica quem ele enxerga ser o principal inimigo deste veículo de possibilidades infinitas.

Nadini de Almeida Lopes: Eu gostaria que você me dissesse o que é a radioreportagem, como, na sua visão, ela se conceitua e se dá a sua elaboração.

Milton Parron: A radioreportagem deveria ser, já não é mais, calçada na criatividade do veículo, do rádio, aproveitando aquilo que é sua condição básica que é a instantaneidade e rapidez. Infelizmente o rádio está desvirtuado ele deveria ser “pauzeiro” dos jornais e inverteu-se o papel e o rádio passou a ser uma caixa de repercussão dos jornais.

O jornal tem mais espaço, o rádio quase não tem mais espaço especialmente em tempos atuais. O espaço que nós temos hoje são quase que todos voltados para os comerciais, e a notícia em si, basta você pegar qualquer matéria que várias emissoras de rádio tem em arquivos...

Eu me lembro que na Jovem Pan no jornal da manhã, que é o carro chefe todas as

emissoras, o jornal de 30 anos atrás eu tinha à minha disposição 10, 15 ou 20 minutos, o que fosse necessário, cansei de fazer matérias que ficavam 20 minutos no ar e na meia hora seguinte, era transmitida novamente.

Hoje você tem as matérias dos repórteres todas editadas, quando muito estes gênios, chefes de redação, dão o nome de quem fez a matéria, agora eles conseguem ser tão geniais, que eles tiram o repórter do confronto com o entrevistado, se é uma matéria investigativa, você está brigando com o sujeito, eles tiram o repórter e botam um “mameluco” do estúdio fazendo a pergunta.

O locutor do estúdio é o papagaio ele lê o que está escrito ali e só. E alguns não conseguem nem raciocinar, se tiver um palavrão, ele lê o palavrão também, então eles colocam lá 30 segundos, 15 segundos, 20 segundos... O editor não pergunta mais, o chefe de redação não pergunta mais, qual o trecho e o que você destacou. Eles perguntam: - Quanto tempo tem a matéria? Quanto tempo você separou para esta sonora?

Isto é um insulto, uma afronta. Então tem alguns que falam que o rádio AM está acabando, está acabando por causa destas figuras que tem aí, o veículo em si não, ele é perene, ele é eterno, o que tem que dar um jeito é de erradicar estas figuras que estão no rádio, eles é que tem que ser eliminados, expurgados, tem que mandar estes camaradas para o serviço de auto falante, vender pipoca, qualquer coisa de diferente.

Eles estão acabando com a rádio, estes editores de meia pataca. Quanto à reportagem no rádio, eu sempre fui do princípio que você tem que estar no radiojornalismo, focado, este é o meu pensamento, focado no dia a dia, no factual, você tem que estar atento, você tem que ter várias fontes de informação, você tem que ter contato com polícia, com bombeiro, com aeroporto, mas principalmente o seu maior pauteiro é o ouvinte, então você tem que ter um serviço de atendimento ao ouvinte, adequado, você precisa ter gente com um mínimo de experiência e aí começa outra distorção.

O serviço de atendimento ao ouvinte, tudo quanto é redação que eu conheço é estagiário, o “coitadinho” nem sabe o que está fazendo lá, e muitas vezes ele está lá e a informação entra por um ouvido e sai pelo outro, muitas vezes uma informação importante vai pela boa vontade dele, do estado de ânimo dele naquele momento, ele anota ou não anota, passa pra frente ou não passa, aí vai passar dois ou três estágios até chegar a quem decide, vias de regras, não chega, então, o grande pauteiro do rádio que é o ouvinte, este está quase que eliminado, então quando tem que preencher determinados horários de jornalismo, o que eles fazem? Ficam cozinhando notícia em jornal e não é incomum não, pelo contrário, é muito comum você repercutir o que está no jornal que é a matéria que foi originada pela sua própria emissora.

Então, acho que o rádio devia voltar a fazer o que era feito antigamente, estar de olho no factual, pra mim, radioreportagem é isso, estar de olho naquilo que está acontecendo no momento e mandar gente para o local, acabar com este negócio de telefone, precisa acabar com isto, o jornalista, o repórter, ele não conhece mais os seus entrevistados.

Você cruza com o camarada que você entrevistou quinhentas vezes e não sabe quem ele é, ele só faz matéria por telefone, matéria investigativa por telefone eu acho uma aberração, eu

acho um insulto ao ouvinte.

Para fazer uma matéria investigativa, você tem que sair em campo, tem que ir e encontrar aquele a quem você acusa, você tem que estar na frente dele, tem que olhar olho no olho, porque é muito cômodo, você ficar no telefone. Com os processos de edição que nós temos hoje, você consegue fazer o camarada que prega Jesus, pregar satanás.

Isso fez com que o rádio perdesse muito da sua seriedade ao perder autenticidade em favor de um gasto menor de economia.

Nada contra estagiário, mas temos que estar primeiro de olho no bem estar do profissional. Você vai a emissoras de rádio e você encontra 10 estagiários pra cada profissional, então tem 5 ou 6 profissionais, 80 estagiários, e dá nisso que está aí.

Nadini de Almeida Lopes: Gostaria que você me contasse um pouquinho sobre a cobertura do Edifício Joelma que, a meu ver, foi um dos grandes marcos na cobertura de um acontecimento. Li o seu texto “No Edifício Joelma, eu também chorei” e queria que você compartilhasse um pouco dessa experiência abordando os elementos utilizados durante a produção que foram utilizados para facilitar a compreensão do ouvinte, a utilização de sons ambientes, ruídos, música, entre todos os demais elementos.

Milton Parron: Este negócio de chorar... O pessoal fala: Mas você chorou? E eu respondo: - Sim eu chorei. Eu já estou chorando por antecipação por uma matéria que farei na Casa Hope.

Quanto ao Edifício Joelma... Eu tive um diretor de jornalismo, na verdade eu considero que só tive um diretor de jornalismo, um, já tive vários outros chefes, mas diretor, somente um, Fernando Vieira de Melo.

Nós vivíamos na base do amor e ódio, muito próximos a linha é muito tênue que separa os sentimentos. Entre tapas e beijos a gente sobrevivia, mas eu duvido que ele tenha alguém na própria família que se recinta tanto da ausência dele e tenha lamentado tanto a morte dele quanto eu.

Tive brigas com ele a vida inteira, durante 28 anos nós convivemos. Mas não podia ser diferente, ele era um gênio, então nossas brigas eram constantes, discussões constantes, mas nunca deixei de reconhecer que, em 98% das brigas, ele tinha razão. Agora reconheço isso. Talvez por falta de humildade eu não tivesse reconhecido na hora que eu deveria reconhecer, mas sempre acatei as decisões dele porque eu sempre fui profissional de equipe, homem de equipe e sempre prezei muito a disciplina.

O Fernando trabalhava também no Mappin e ele fazia o jornal da manhã na Joven Pan. Ele saía do Mappin umas seis e meia da tarde, ia direto pra Pan e lá ficava até umas 10, 11 horas da noite, olhando texto por texto do que ia para o jornal na manhã seguinte. Jogava no lixo metade, metade era certeza, ele botava no lixo. Você não tem um que olhe o texto nenhum destes ditos chefes.

E o Fernando, seis horas da manhã, estava lá na Pan, eu nunca vi um sujeito com uma vitalidade daquela e aí ele pegava todos os textos produzidos durante a madrugada e dava uma olhada e tudo, jogava o que fosse para jogar, outros, ele dava um jeito, melhorava o texto e dava para o redator novamente, enfim, deixava o jornal todo formatado.

Com o jornal já em andamento, lá pelas 7 e pouco da manhã, ele ia para o Mappin. Nesta ida para o Mappin, neste dia do incêndio, ele me ligou, ele me chamou pela viatura.

As nossas viaturas tinham frequência de FM, frequência modulada, as famosas motorolas e era com isto que ele fazia a transmissão. Não tínhamos telefone, esta facilidade que você tem hoje, não existia. Orelhão era um e quando você o achava, tinha cinquenta pessoas na fila, então a gente usava muito este recurso que eu tinha aprendido bem antes, lá na década de 60.

Quando você não tinha nem orelhão, você ia numa loja qualquer e dizia: “escuta, me empresta o telefone? Eu sou da emissora tal aqui e precisava fazer uma transmissão então eu falo da sua loja”.

Dávamos uma compensação para o cara emprestar o telefone, muitas vezes por vaidade, porque sabia que não dá resultado em termos comerciais, mas pela vaidade de ver o nome da loja dele, então a gente usava este recurso.

Neste dia ele chamou pela viatura, a redação, dizendo que estava ocorrendo um incêndio, pois ele tava lá no aeroporto e ao passar pela Vinte e Três de Maio, próximo à Praça das Bandeiras, ele viu fumaça. Então ele chamou e falou com o Zé. Que era o chefe de reportagem e está lá até hoje: “Vê quem tá mais próximo aí, tem um incêndio aqui na Praça das Bandeiras, o negócio aqui parece que é grande”.

E eu ouvi na viatura e então o Zé, de imediato: “Parron, você está onde?” E eu estava na Vinte e Três de Maio no espigão do paulistão no alto fazendo trânsito. E eu respondi: estou na Vinte e Três de Maio.

"Então vai para a Praça das Bandeiras e lá tem um incêndio, o Fernando está avisando".

E eu fui pra lá, mas de longe eu já tava vendo a fumaça. Quando nós chegamos ali, o motorista que ainda é vivo, Paulo Pereira, todo mundo o conhece como Paulo Caveira, ele era extraordinário, ele era repórter e era motorista e era extremamente ousado e quando nós chegamos não tinha pra onde ir, tínhamos que atravessar o canteiro.

E ele não teve dúvida e o atravessou. Ele estava em uma viatura, na época era a Rural Willys, ele atravessou o canteiro na Vinte e Três de Maio e passou, “vrumm”! E nós encostamos bem na frente do edifício, na Rua Santo Antônio.

Havia uma ilha entre as duas pistas e lá só tinha um carro de bombeiro, um carro leve, que é o primeiro que chega prá ver o volume da coisa e aí eles pedem o que é necessário ao quartel. Assim que nós paramos e que eu vi, aí deu pra entender a dimensão da coisa.

Da metade do edifício prá cima uma fumaça preta tomava conta de tudo e no meio de

tudo as labaredas que cortavam a fumaça, aí eu tive noção e pedi que mandassem um operador para lá, porque só a Motorola não iria aguentar, porque gasta muita bateria este sistema de transmissão e não é uma transmissão adequada, é aquela coisa pra quebrar o galho.

Um outro colega que também tinha um espírito de repórter era o Natal Baldini, que já faleceu. Ele chegou bem rápido lá, se bem que a esta altura, era tão afinada a equipe da Pan, que o Zé Pereira, já tinha mandado outra viatura prá lá, com o pessoal da área técnica que era o Baldini e mais um.

E assim que eu cheguei, uns 10 minutos depois, ele estava lá e esticou acho que uns 200 metros de fio no meio da rua lá de dentro da Câmara Municipal, atravessando a garagem e foi lá onde tava nossa viatura e lá ele botou o amplificador e daquele lugar eu fiz o primeiro boletim.

Faltava uns 5 minutos para as 9, por aí, e um pouquinho antes das 9, o incêndio começou, umas 20 para as 9. Foi a hora que o Fernando passou e avisou e logo na sequência eu cheguei, lá. Aí o Baldini, eu fiz o primeiro boletim neste horário, aí o Baldini conseguiu montar aquela parafernália toda, aí eu tornei a entrar. Na terceira entrada minha, disseram: “olha! Nós estamos tirando o jornal do ar, estamos tirando os comerciais, tirando tudo, você aguenta a transmissão daí? Estão mandando mais gente”.

É o negócio que me comove, não é o saudosismo, não é isto, é saber, como uma emissora de rádio podia ser tão afinada, estava, tava tão azeitada aquela máquina que de repente eu pensei... Vou ter que aguentar este incêndio sozinho. Eu não tinha ideia que teria que aguentar até o dia seguinte. Eu imaginei que era uma meia hora, sei lá, mas foi tomando tamanha proporção... Aí de repente o Baldini grita: “Oh lá, oh lá, oh lá...”

Eu já não vi mais, a pessoa já tinha caído. Aí que eu comecei a amarrar aquilo olhando pra cima, no meio daquela fumaça. De vez em quando a lufada de vento, faz com que a massa se afaste um pouco e você tem a visão do topo do edifício, daqui a pouco, fica tudo outra vez, toldado, fechado e quando dava aquelas aberturas a gente via lá em cima no terraço do edifício, lá no alto as pessoas acenando com a mão e aqui em baixo já tinha uma multidão, a essa altura, as cordas de isolamento já foram colocadas e nós ali estávamos não pudemos mais ser retirados dali nem se eles quisessem, não dava pra retirar e foi minha sorte, mas foi também o fator de angústia porque vários daqueles corpos que se atiravam lá de cima e eu tinha que narrar aquilo e o Zé Pereira na linha de coordenação no meu ouvido dizia: “mantenha a sobriedade, mantenha a calma”.

Isso é uma coisa que você não vê mais, não existe isto mais, esta solidariedade, entendeu, de fazer com que você se mantivesse ali. E eu fui aguentando, era o meu trabalho eu tinha que narrar aquilo.

Era quase que uma lavagem cerebral diária, com o Fernando Vieira de Melo nas reuniões de como não se tornar piegas no ar, essa pieguice de ficar chorando. Tinha uma apresentadora, até hoje no ar, que chorava a toa e então ele citava sempre aquilo lá como sendo ridículo: “não se torne um”.

E então eu estava com aquilo o tempo todo na cabeça em todas as matérias que eu fazia

eu tava sempre com aquilo na cabeça, de não poder manifestar minhas emoções.

Daqui a pouco estava montado um esquema danado cada repórter estava em um local. Bom, nós ficamos lá, até, até o dia seguinte, mas nós paramos a transmissão por um tempo. A cadeia obrigatória, A Voz do Brasil, abriu mão da entrada. Até onde eu sei foi a primeira vez que o governo abriu mão de uma emissora entrar em cadeia para transmissão.

No fim das contas o Fernando foi para o Mappin e voltou porque ele era jornalista, ele respirava aquilo dia e noite, ele mandou para nós viaturas lotadas com leite, sanduíche e o diabo mas eu não queria porque, é duro você ver aqueles camaradas se atirando lá de cima, morrendo nos seus pés, ver um corpo caído, se estatelando no asfalto, há 2, 3, 4, 5 metros de você.

É algo que você não tem como esquecer e o barulho do corpo batendo no chão é uma coisa que não me sai do ouvido até hoje. E o heroísmo daqueles soldados do corpo de bombeiros, é um negócio que comove, é uma coisa que, eu não sei o que mais me espantou, me comoveu se foi ver aquelas pessoas se atirando lá do alto ou aqueles bombeiros subindo lá naquela escada, no meio daquela fumaça, no meio de explosões pois as coisas explodiam, os aparelhos de ar condicionado, por exemplo, e voava pedaços pra todo lado e eles lá.

Teve uma mulher que se atirou, o camarada tava no topo da escada, a cerca de, sei lá, 10 andares do chão, ele no topo não conseguia alcançar a mulher por uma questão de um ou dois metros e aquela mulher não aguentou se segurar mais e se soltou, e ele segurou aquela mulher no ombro e veio ele e ela, rolando pela escada abaixo e ele conseguiu salvar a mulher, ele se machucou todo mas conseguiu salvá-la.

O saudoso coronel Caldas, o Sargento Lemos... Eles esticaram uma corda de um edifício para o outro no meio do incêndio e atravessaram pendurados naquela corda, então estas coisas você não... E quando eu te falei que eu ia viver momentos ali com aquela viatura... Você ficava rezando para o corpo não cair em cima daquela viatura. Bom quando foi lá pelas 10 e meia, 11 horas da noite, deu um refresco. Aí tinha texto feito, elaborado em estúdio, baseado naquele trabalho todo, com edições adequadas, não é essa porcaria que fazem hoje, entendeu? E então o Fernando me chamou e disse: “escuta, você aguenta até amanhã aí?”

Era uma coisa que meio sem sentido. Mas ele tinha uma visão para a coisa: você não vai deixar a peteca cair agora, vai?”

Tem que manter o interesse do ouvinte, mesmo que não tenha nada, ele ligando o rádio, tem gente lá ainda, vai continuar assim. E nós ficamos lá. Lá pela meia noite, o Coronel Caldas disse: “Parron, você quer, quer entrar lá no prédio pra dar uma olhada?”

Fui eu, o Natal Baldini, o Paulo (motorista), o Paulo Rodrigues e nós entramos, tinha uma rampa por onde subiam os carros, pois ali era garagem também. Então entramos naquela rampa a pé, porque não tinha nada funcionando, não tinha luz, não tinha mais nada lá. E quando nós entramos, primeiro aquele odor de queimado, de churrasco, de carne assada, óleo diesel, fumaça, tudo impregnado.

Lá dentro tinha uns holofotes enormes do bombeiro, ligados nos caminhões para clarear lá dentro. Aqueles holofotes com aquela luz forte, atravessando aquela escuridão das matérias de

suspensão, fumaça, fuligem, ainda em suspensão, acho que se formou ali o quadro mais tétrico que eu já vi na minha vida, nunca vi nada parecido, nem em filme de terror.

Ali tinha morrido um mundo de gente, quase duzentos e aquela fumaça... Parei, fui olhando, aí eu desabei. Aí você, aí você chora mesmo né? Aí não tem como segurar. Então o Caldas me disse: “você pensa que bombeiro não chora também? Bombeiro também chora.”

E então eu vi a extensão da coisa naquele momento. O camarada mais aloprado que eu conheci na minha vida. Aloprado, maluco, de uma extraordinária competência, me referi a ele agora pouco, Natal Baldini, chorando, aí eu me dei conta da extensão da coisa que a gente tinha feito cobertura. É isso aí.

Nadini de Almeida Lopes: A forma que você, que é uma coisa muito antiga do jornalismo, conta e detalha, faz com que a gente mergulhe mesmo nesta história, e no que aconteceu a ponto de se emocionar. E, hoje, essa questão tecnológica e busca pela instantaneidade fez com que o cenário se transformasse?

Milton Parron: Eu acho que o profissional em cargo de chefia perdeu a sensibilidade. Além de ser, via de regra, um neófito ele perdeu a sensibilidade e ele transmite isso para o subordinado, pois ele sozinho não pode fazer nada e vira uma bola de neve.

No caso do Joelma São Paulo inteiro estava vendo o que estava acontecendo ali. A fumaça cobria o centro de São Paulo inteiro e eu acho que o rádio é um veículo fantástico, ele é muito rápido para informar. É um veículo fantástico porque ele permite que qualquer pessoa tenha acesso às transmissões do rádio.

Você pega um aparelhinho hoje, tem uns aparelhinhos tão pequenos... E você leva o rádio para qualquer lugar. E aí vem o terceiro, a terceira qualidade do rádio que eu considero essencial, que é o poder que ele tem de mexer com o imaginário das pessoas.

Cada um que está ouvindo o rádio consegue ir para o palco dos acontecimentos e ele faz deste palco o que ele bem entender. Ou transforma num grande circo de tragédia, ou de diversão, mas para isso você precisa dar os ingredientes para que o ouvinte possa transformar sua imaginação.

Eu me lembro de uma enchente que teve aqui em São Paulo na Zona Cerealista e eu fui cobrir. Nós deixamos a viatura lá na 25 de março, dali prá frente não dava para ir pois tinha água até 1 metro. Sabe como é que eu fui até o mercado? Fui num bote junto com os bombeiros. Eu ficava narrando que estava em bote e eu não precisava ficar falando tudo e quanto mais você fala, mais besteira você pode dizer. Então eu procuro dar para o camarada, o ambiente, para que ele sinta. Então eu pegava o microfone e botava junto ao remo batendo, na água, “Tcha”, e dizia que estávamos na 25 de março a caminho do Mercado Municipal.

Nadini de Almeida Lopes: Como você enxerga a edição e os efeitos, sendo um jornalista de coberturas ao vivo?

Milton Parron: Vou dar um exemplo de uma reportagem que eu fiz Entrevistei um

camarada aí por causa desta greve da Anvisa, fiquei com ele lá, quase 20 minutos no ar, falou um monte de coisas sérias que estão acontecendo por causa desta greve, mas nada além daquilo que já está em jornais, televisão, rádio. Ao final de tudo eu perguntei: quantos navios estão parados lá em Santos?

E o entrevistado respondeu: “olha, não tem condição de encostar mais nenhum, são 180 que estão ali no arco para entrar no porto”. E normalmente em outras épocas quantos ficam? Ele respondeu: “no máximo 30”..

Depois eu fui ouvir a reedição botaram tudo menos isso. Botaram coisas inclusive que não interessavam. Esse negócio de edição é uma coisa muito séria.

Nadini de Almeida Lopes: E como fica, a seu ver, a convergência das mídias e adventos tecnológicos?

Milton Parron: Antigamente o comercial não dava palpite no jornalismo ao contrário o jornalismo fazia, apresentava projetos, planos, programas e dava para eles venderem. Agora inverteu, onde é que foi parar a ética, o gosto, a qualidade foi parar onde?

Mas tem que se curvar, tem que fazer o que eles determinam. Então há uma diferença muito grande do rádio, quando você fala em radioreportagem, e o que envolve a radioreportagem, fica tudo comprometido. Falta de chefia, falta de orientação, muita intermediação, interesses que existem por trás. Este é o grande risco que o rádio corre, não é a Internet que faz isto com o rádio. Quem oferece grande risco ao rádio, rádio AM, porque eu acho que o rádio FM também não cuida muito da qualidade que faz somos nós mesmos. O grande rival desse rádio não é a Internet, não é o celular, nem nada, é o profissional do rádio o grande rival do rádio no momento.

A Internet é fantástica, o maior aliado que o rádio já teve, ela é a grande aliada, nossa maior amiga, maior ferramenta. Eu recebo com o programa no ar, o camarada lá no Japão. Estão matando a galinha dos ovos de ouro, pois muitas das emissoras atuais, são heranças, vieram dos pais, dos avós, estão com os filhos, com os netos.

Os primeiros eles cuidaram bem, agora, os atuais nem tanto, eles herdaram além das emissoras, alguma fortuna também, só que isso acaba e a fonte que dá esta renda, que eu chamo de “Galinha dos Ovos de Ouro”, eles estão matando. Aí eu quero ver... É isso!

Referências bibliográficas

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

PARRON, Milton. O radiorepórter. *Revista USP-Coordenadoria de Comunicação Social*, São Paulo, n1, março-maio, 1989.

